Revista EaD &
tecnologias digitais na educação

Memória, Transculturação e Resistência em os Transparentes de Ondjaki

Michele de Jesus dos Santos

https://orcid.org/0009-0009-1325-0248

michelesantos@aluno.ufrb.edu.br

Silvana Carvalho da Fonseca

https://orcid.org/0000-0001-8263-3482

silvanacarvalho@ufrb.edu.br

***Resumo**: Este artigo tem como objetivo analisar a obra "Os Transparentes", do escritor angolano Ondjaki, destacando de que maneira o autor aborda questões centrais como memória histórica, identidade, transculturação e os desafios enfrentados pela sociedade angolana no período pós-guerra. O título da obra representa a realidade da invisibilidade e vulnerabilidade vivida pelos personagens, simultaneamente sugerindo a descoberta das camadas invisíveis da memória coletiva. Situada em um edifício em Luanda, o desenvolvimento da história apresenta diversos personagens, cujas vivências funcionam como metáfora da própria nação, definidas por contradições, desigualdades e tentativas de restaurações após a guerra civil, visto que o narrador juvenil assume o papel principal ao oferecer uma percepção aguçada e crítica, capaz de revelar tanto as feridas do passado quanto os gestos de resistência e reinvenção cultural. Diante disso, a pesquisa propõe investigar como a narrativa literária revela as marcas deixadas pelo conflito civil em Angola e as diversas formas de reconstrução social e subjetiva, observadas especialmente por meio da perspectiva juvenil do narrador. Além disso, o estudo busca compreender a relação da obra com a literatura africana contemporânea, sua relevância na construção de uma identidade pós-colonial e sua contribuição crítica para o cenário literário global. Ao adotar uma abordagem interdisciplinar e crítica, o artigo pretende evidenciar como "Os Transparentes" articulam a memória e resistência por meio de estratégias narrativas que problematizam os legados do colonialismo e exploram as dinâmicas de transculturação no contexto sociocultural angolano.*

***Palavras-chave**: Literatura Africana.Identidade Pós-Colonial.Memória Histórica. Angola.*

***Abstract**: This scientific article aims to analyze the novel Os Transparentes (The Transparent Ones), by the Angolan writer Ondjaki, highlighting how the author addresses central issues such as historical memory, identity, transculturation, and the challenges faced by Angolan society in the post-war period. The title of the work represents the reality of invisibility and vulnerability experienced by the characters, while simultaneously suggesting the unveiling of the invisible layers of collective memory. Set in a building in Luanda, the story unfolds through various characters whose experiences function as a metaphor for the nation itself—marked by contradictions, inequalities, and attempts at restoration after the civil war.The youthful narrator assumes a central role by offering a sharp and critical perspective, capable of revealing both the wounds of the past and the gestures of resistance and cultural reinvention. In this sense, the research seeks to investigate how the literary narrative exposes the marks left by the civil conflict in Angola and the different forms of social and subjective reconstruction, observed especially through the narrator's youthful viewpoint.Furthermore, the study aims to understand the novel's relationship with contemporary African literature, its relevance in the construction of a postcolonial identity, and its critical contribution to the global literary scene. By adopting an interdisciplinary and critical approach, the article intends to highlight how Os Transparentes articulates memory and resistance through narrative strategies that question the legacies of colonialism and explore the dynamics of transculturation within the Angolan sociocultural context.Methodologically, this research adopts a qualitative approach, organized in a structured and comprehensive manner, taking into account the historical and social context of the work. The study is descriptive and explanatory in nature, aiming to provide a detailed and enlightening analysis of this literary and cultural reality.*

Keywords: African Literature. Postcolonial identity. Historical Memory. Angola.

1 INTRODUÇÃO

A análise da obra *Os Transparentes*, de Ondjaki, tem relevante contribuição para a literatura africana contemporânea, ao articular, por meio de uma narrativa sensível e complexa, os desafios enfrentados por sociedades pós-conflito, especialmente no que refere à reconstrução social e identitária. A literatura desempenha um papel fundamental na construção da memória histórica e na reconfiguração dos traumas causados por guerras civis, e essa obra se destaca justamente nesse aspecto.

A obra, cuja ambientação se dá em Luanda, capital da nação angolana, configura-se como um espaço simbólico em que o passado colonial, os traumas do conflito e os desafios da reconstrução nacional se entrelaçam por meio de personagens marginalizados, muitas vezes silenciados pelos discursos oficiais da história. Visto que, ao retratar uma Luanda caó-

tica e desigual, Ondjaki visibiliza às camadas mais vulneráveis da sociedade angolana, evidenciando as dificuldades da reconstrução nacional e os impactos do passado nas novas gerações.

De acordo com Inocência Mata (2019) "a literatura angolana tem sido um território de luta simbólica contra o esquecimento, é um espaço de reconfiguração da identidade nacional face aos traumas da colonização e da guerra". Assim, a obra literária torna-se não apenas um instrumento estético, mas também político, que ressignifica a memória coletiva e propõe formas alternativas de pertencimento e resistência, por abordar essas questões de maneira poética, acessível e profundamente reflexiva.

Portanto, esta obra destaca constantemente a maneira como o autor aborda a memória e o esquecimento, os traumas da história recente, e as tensões entre tradição e modernidade em seu projeto estético. Ao longo do livro, a narrativa oferece uma reflexão profunda sobre a identidade angolana, evidenciando as ambiguidades e contradições dessa nova sociedade que busca se afirmar diante de um passado que ainda pesa sobre seu presente.

A estrutura narrativa reflete a complexidade da memória coletiva angolana, construída a partir de múltiplas perspectivas e experiências. A fragmentação da narrativa sugere também a dificuldade de reconstruir o passado em um contexto marcado pela violência e pelo trauma. O romance começa com a destruição da capital angolana, Luanda, um acontecimento que é intensificado pela humanização da cidade, que passa a ser retratada como um ente vivo, lutando pela própria sobrevivência. Este processo de personificação confere à narrativa uma dimensão emocional profunda, na qual a cidade não é apenas o cenário físico da trama, mas também um personagem ativo que, através de suas ruínas e sofrimentos, transmite a luta e o sofrimento de seus habitantes. De acordo com Ondjaki (2013, p. 11)

> a cidade ensanguentada, desde as suas raízes ao alto dos prédios, era forçada a inclinar-se para a morte e as flechas anunciadoras do seu passamento não eram flechas secas mas dardos flamejantes que o seu corpo, em urros, acolhia em jeito de destino adivinhado [...]

O romance se inicia com a própria destruição de Luanda, um evento que ganha contornos ainda mais impactantes devido à personificação da cidade. Ondjaki transforma a capital angolana em um ser pulsante, que luta para sobreviver diante do caos urbano e da degradação social. Essa humanização da cidade intensifica a carga emocional da narrativa, fa-

zendo com que o leitor não apenas testemunhe sua ruína, mas também sinta sua agonia, seus anseios e sua resistência em meio ao colapso. A produção literária africana constitui-se também como possibilidade de reflexão sobre as cicatrizes da guerra, por meio do qual outras histórias ficcionais e criar histórias de vida realmente marcadas pela equidade buscada por aqueles que combatem o impacto dos traumas do passado.

2 REIMAGINANDO LUANDA

Ao longo da história, parte da literatura, principalmente a de caráter canônico ocidental, contribuiu para reforçar representações negativas e simplistas dos africanos. Nesse contexto, torna-se essencial valorizar obras que buscam romper com tais estereótipos, oferecendo perspectivas mais complexas e realistas sobre a experiência africana. Uma vez que a literatura africana em língua portuguesa tem desempenhado um papel essencial na problematização das heranças coloniais, das desigualdades sociais e da construção de identidades no pós-independência. A literatura, portanto, em sua dimensão estética é uma ferramenta de conhecimento, interpretação e transformação social, permitindo que leitores compreendam a realidade cultural, histórica e social de um povo.

No caso de Angola, *Os transparentes*, de Ondjaki, evidencia como a literatura atua como meio para uma realidade angolana, conectando a memória coletiva, crítica social e identidade cultural em um país que carrega as cicatrizes de uma longa guerra civil, enfrentando desafios relacionados à urbanização e que ainda convivem com fortes desigualdades, a literatura se torna uma forma poderosa de denúncia, de preservação da memória e de resistência. A obra não apenas retrata as tensões sociais vividas na cidade de Luanda, mas também desenvolve uma crítica sensível e poética aos processos que tornam certas pessoas invisíveis dentro da sociedade. Como Mata (2016, p. 81), observa:

> Esses pré-conceitos dizem respeito tanto a configurações anteriores, que enformam a tradição literária africana e a memória dela, como aos códigos estéticos do contexto no qual elas se armaram. Isto remete-nos para a segunda demanda do pós-colonial, que aponta para a reescrita e a repaginação da(s) identidade(s) cultural/ais, segundo estratégias que não apelam à ruptura, mas remetem para um processo de remitologização.

Dessa maneira, a literatura angolana contemporânea é marcada por uma rica diversidade de vozes e estilos, que refletem as complexidades históricas e sociais do país. Ondjaki, principalmente, destaca-se por sua abordagem inovadora e experimental, desafiando as convenções tradicionais da narrativa. Sua obra é uma fusão das experiências da tradição oral angolana, da literatura africana e das correntes literárias globais, o que se mostra, por exemplo, na narrativa, quando Ondjaki combina diferentes estilos de linguagem, vozes coletivas e traços de oralidade com estratégias narrativas modernas, construindo uma estética própria que reflete a diversidade cultural de Angola.

As ideias de Frantz Fanon (1961) são fundamentais para compreender esse processo, pois o autor enfatiza a importância da descolonização cultural e psicológica como passos essenciais para a libertação dos povos colonizados. Para Fanon, a literatura e a arte são instrumentos poderosos na luta contra a opressão, capazes de contribuir para a reconstrução da identidade nacional e promover a resistência contra as estruturas coloniais e neocoloniais. Como o autor afirma:

> Estudar as relações entre o racismo e a cultura é levantar a questão da sua ação recíproca. Se a cultura é o conjunto dos comportamentos motores e mentais nascido do encontro do homem com a natureza e com o seu semelhante, devemos dizer que o racismo é sem sombra de dúvida um elemento cultural. Assim, há culturas com racismo e culturas sem racismo. O racismo não é apenas um fenômeno biológico ou psicológico; ele é, antes de tudo, um fenômeno cultural[...]" (Fanon, 1961, p. 36-37)

Diante disso, ao pensar sobre o papel da literatura na sociedade, especialmente em contextos marcados por desigualdade, exclusão e instabilidade política, torna-se essencial compreender a literatura como um espaço de resistência simbólica, capaz de questionar e revelar as estruturas de poder que invisibilizam grupos marginalizados. Nesse sentido, a análise do texto de Manuel Rui, *Eu e o Outro Invasor*, reforça essa perspectiva, ao evidenciar como a literatura denuncia a opressão, os conflitos identitários e as injustiças sociais em contextos pós-coloniais (RUI, 2011). Como o autor afirma:

> "Não posso matar o meu texto com a arma do outro. Vou é minar a arma do outro com todos os elementos possíveis do meu texto. Invento outro texto. Interfiro, desescrevo para que conquiste a partir

> do instrumento de escrita um texto escrito meu, da minha identidade. [...] Escrever então é viver. Escrever assim é lutar." (Rui, 2011, s/p).

Essa visão, proposta por Manuel Rui, evidencia a escrita como um ato de resistência simbólica e política, por meio do qual o sujeito oprimido reconstrói sua voz e reestrutura sua relação com a linguagem e com a própria história. Ao "minar a arma do outro", o autor mostra que o fazer literário não se limita a uma expressão estética, mas configura-se como prática de combate às estruturas coloniais que tentam silenciar identidades. Assim, a literatura transforma-se em um espaço de "reexistência" (Souza,2011) e de reinscrição do sujeito no discurso, permitindo que a palavra se converta em instrumento de libertação. Essa perspectiva também encontra ressonância na obra de Ondjaki, cuja escrita, ao recriar a oralidade e valorizar as expressões culturais angolanas, reafirma a função social e emancipatória da literatura nos contextos pós-coloniais.

Em *Os Transparentes*, essa resistência aparece de várias formas: na luta diária dos personagens por dignidade em meio às dificuldades da vida urbana em Luanda; na forma como o autor desafia os limites entre o que é visto e o que é ignorado, mostrando, por meio da metáfora dos "transparentes", os corpos esquecidos pelo Estado e pelo sistema neoliberal; e na própria escrita, que rompe com a ordem narrativa tradicional, misturando fala, fragmentos soltos e poesia como estratégia para questionar o modelo europeu de contar histórias e afirmar a pluralidade cultural angolana.

A literatura angolana do pós-guerra, portanto, não apenas conta feridas, mas também imagina futuros. Ela retira o sujeito negro e africano de uma posição de exclusão para o centro da fala, permitindo que ele se reconstrua como um agente ativo na história do país, carregando conhecimentos políticos, sociais e culturais. Essa literatura se torna, assim, uma ferramenta importante para formar cidadãos mais conscientes, críticos e comprometidos com a transformação da realidade.

Acima de tudo, cumpre um papel fundamental ao retratar os desafios vividos no cotidiano de Luanda após a guerra civil. O romance apresenta personagens que, apesar da invisibilidade a que são submetidos pelas estruturas de poder, revelam uma profunda humanidade, consciência política e resistência. Esses sujeitos os "transparentes" representam, me-

taforicamente, uma população esquecida, mas também resiliente, cuja vivência revela as contradições de uma Angola em reconstrução. Segundo Frantz Fanon (1968, p. 175):

> O colonialismo não se contenta de impor sua lei ao presente e ao futuro do país dominado. Ao colonialismo não basta encerrar o povo em suas malhas, esvaziar o cérebro colonizado de toda forma e todo conteúdo. Por uma espécie de perversão da lógica, ele se orienta para o passado do povo oprimido, deforma-o, desfigura-o, aniquila-o.

No contexto pós-guerra, a literatura se torna não apenas uma forma de expressão artística, mas também uma ferramenta de recuperação cultural e histórica. Nesse sentido, o livro *Os Transparentes*, de Ondjaki, assim como outras obras literárias angolanas, cumpre um papel importante ao questionar o que foi perdido durante a guerra e o que precisa ser reconstruído. Ao colocar em evidência os jovens e ao retratar uma angola em processo de transformação, o autor contribui para uma reinterpretação da história, inserindo-se no esforço coletivo de construção de uma identidade nacional que seja plural, democrática e propositiva.

Considerando que, no contexto da Angola pós-guerra civil, a literatura assume um papel crucial na reconstrução simbólica do país, especialmente no que diz respeito à preservação da memória histórica e à afirmação da identidade cultural, é fundamental destacar que a produção literária angolana contemporânea tem se voltado não apenas para o resgate das tradições e valores culturais, mas também para a problematização dos efeitos duradouros do colonialismo e do conflito armado sobre a subjetividade nacional. O autor destaca importância da literatura como um lugar de preservação cultural e resistência, afirmando que:

> As vozes que se perdem nas esquinas de Luanda são, na verdade, a resistência silenciosa de um povo que se recusa a desaparecer na memória do esquecimento. Cada história contada, cada memória compartilhada, é um ato de afirmação contra o silêncio e a invisibilidade que tentam apagar a identidade do país" (Ondjaki, 2013, p. 45).

Portanto, ao analisar *Os Transparentes*, fica evidente que o autor constrói um retrato da Luanda pós-guerra e utiliza a cidade como símbolo para a dificuldade da memória coletiva angolana. A narrativa, fragmentada e sensorial, propõe uma reflexão profunda sobre as vozes marginalizadas que resistem ao apagamento histórico. Ele deixa evidente na obra que a literatura torna-se um território de resistência simbólica, onde o ato de narrar é, simultane-

amente, um gesto político e uma afirmação identitária. Assim, o texto ultrapassa a representação de um espaço físico, assumindo o papel de guardião das memórias que moldam e sustentam a subjetividade nacional, confrontando a desumanização e a opressão impostos pelo contexto histórico de conflito e colonialismo.

Em *Os Condenados da Terra*, Fanon(1961) critica duramente a burguesia nacional que assume o poder após a independência. Para ele, essa elite tende a reproduzir as práticas eliminatórias do colonialismo, agora sob um novo aspecto nacionalista. Essa crítica encontra eco direto na forma como Ondjaki representa os políticos e funcionários públicos de Luanda, muitas vezes corruptos, cínicos e descomprometidos com a justiça social. Como demonstra o seguinte trecho:

> — Quer uma gasosa, camarada carteiro?
> O carteiro olhou para a rua onde o carro do ministro havia desaparecido.
> — Não, obrigado, ainda tenho muito o que fazer.
> — Posso guardar esta carta?
> — Pode sim, tenho muitas. Até amanhã a todos [...]
> [...] Nelucha desceu do candongueiro no Largo da Maianga e não olhou para o carteiro que esperava sua vez de atravessar, no meio da multidão que aguardava uma brecha para poder seguir a sua vida (Ondjaki, 2013, p. 38).

A reprodução dos padrões dominantes revela-se mais prática. Contudo, é fundamental promover o reconhecimento e a valorização dos aspectos culturais da evolução histórica que mantêm características essenciais do homem angolano, tanto em sua herança passada quanto em sua expressão presente. Ou seja, permite entender como a literatura contemporânea angolana ainda desempenha um papel fundamental na denúncia das contradições do projeto nacional pós-colonial. A obra de Ondjaki não apenas escancara os vícios de uma elite desconectada da realidade popular, mas também propõe, de maneira simbólica e poética, a necessidade de reconectar o presente às raízes culturais e históricas do povo angolano.

> Em seus primeiros passos a burguesia nacional dos países coloniais identifica-se com o ocaso da burguesia ocidental. É impossível acreditar que ela queime as etapas. Na realidade começa pelo fim. Já está senescente embora não tenha conhecido nem a petulância, nem a intrepidez, nem a voluntariedade da juventude e da adolescência. (Fanon, 1968, p. 127).

Dessa forma, a teoria pós-colonial de Frantz Fanon, em especial a obra *Os Condenados da Terra* (1961), oferece uma lente valiosa para compreender os processos de marginalização e alienação vividos por sujeitos como Odonato, personagem de *Os transparentes* de Ondjaki, cuja "transparência" funciona como símbolo da invisibilidade social dos indivíduos marginalizados na Luanda pós-guerra. Ao articular literatura e teoria política, observamos como Ondjaki, por meio de seus personagens e cenários, resgata e atualiza os diagnósticos fanonianos sobre os impasses da descolonização, revelando a persistência de mecanismos de opressão e exclusão social.

2.2 TRANSCULTURAÇÃO CULTURAL E LINGUÍSTICA

Na obra *Os Transparentes*, o fenômeno transculturação está ligado à linguagem, à forma como a oralidade, o português angolano, as gírias urbanas e as influências culturais africanas dialogam e se misturam para produzir uma voz literária complexa, que expressa a identidade plural da angola contemporânea.

Do ponto de vista cultural, percebemos que a sociedade angolana mostrada ali é uma combinação de elementos tradicionais africanos, influências portuguesas, devido à colonização, e também aspectos do mundo atual, globalizado. Isso fica evidente nas relações entre os personagens, nos valores que eles demonstram, na maneira como se organizam socialmente e até nas tensões entre o passado e o presente. Atualmente, a questão da transculturação fica ainda mais evidente na linguagem. Ondjaki escreve em um português que reflete profundamente a cultura angolana. Ele combina o português europeu padrão com expressões do português falado em Angola e até com palavras de línguas locais. Isso revela uma língua que não é fixa, mas que foi moldada por várias influências históricas e culturais e é preciso destacar: em relações de violência. Mesmo usando o português, Ondjaki reafirma uma identidade angolana, mostrando que a língua pode ser apropriada, adaptada e transformada de diferentes maneiras. Em *Pele Negra, Máscaras Brancas* (1952), Fanon afirma:

> Falar uma língua é assumir um mundo, uma cultura. O homem que possui uma linguagem, por conseguinte, possui o mundo expressado e implícito nessa linguagem. Aprender uma língua é, portanto, preparar-se para ocupar um universo cultural, é transformar-se. Mas o

> colonizado, ao utilizar a língua do colonizador, frequentemente o faz em um movimento de alienação. Reverter esse processo, ao apropriar-se da língua e transformá-la, é um gesto de resistência, de libertação" (Fanon, 1952, p. 38-39).

Ao utilizar a língua do colonizador e transformá-la com suas próprias experiências locais e culturais, Ondjaki não apenas configura a identidade angolana na esfera literária, mas também desafia a dominação linguística que o colonialismo distribuiu. Assim, a produção literária de Ondjaki ilustra como a escrita pode funcionar como uma forma de resistência simbólica, conectando memórias coletivas e diversas experiências culturais por meio de uma linguagem híbrida e em constante evolução, uma língua que, mesmo imposta pela tradição da língua portuguesa, é constituída pelas particularidades históricas e sociais de Angola.

Dessa forma, ao lermos o livro "Os Transparentes", notamos que a mistura de culturas e linguagens é um aspecto fundamental da trama. Ela se manifesta não apenas no que é narrado, mas também na maneira que a narrativa é apresentada na escolha das palavras, na perspectiva dos personagens, e na forma como o legado colonial e a realidade moderna de Luanda se entrelaçam e colidem.

Em *Pele Negra, Máscaras Brancas* (1952), Frantz Fanon afirma que "falar uma língua é assumir um mundo, uma cultura". Para o autor, o colonizado, ao adotar a língua do colonizador, corre o risco de perder parte de sua identidade; contudo, ao se apropriar dela e transformá-la, realiza um gesto de libertação. Ondjaki faz exatamente isso: transforma o português em um espaço de criação cultural, repleto de expressões locais, musicalidade e oralidade, desafiando a rigidez do idioma colonial. Essa complexidade fica evidente no seguinte trecho da obra, que demonstra a ambivalência da cidade e a tensão social presente:

> O que é afinal um lugar cheio de gente humana que se preocupa tão pouco com o outro? , o que é um lugar cheio de carros com gente solitária buscando atropelar o tempo e maltratar os outros e para chegar a casa e cumprimentar apenas a sua própria solidão? , o que é um lugar cheio de bulício e de festividades e de enterros com tanta comida, se já ninguém pode tocar à porta de outrem para pedir um copo de água ou inventar uma pausa sob a sombra fresca de uma figueira? "esta cidade é um deserto", pensou e caminhando (Ondjaki, 2013, p. 170).

Esse trecho ultrapassa o campo linguístico e oferece uma reflexão sobre valores humanitários e comunitários que se diluíram com a colonização e com o avanço da modernida-

de urbana. Ondjaki denuncia a fragmentação das relações sociais e a perda do sentimento de coletividade valores centrais das culturas africanas tradicionais, substituídos por um individualismo e por uma lógica competitiva herdados do modelo ocidental. Assim, o autor propõe uma crítica ética e cultural à alienação do sujeito pós-colonial, que se distancia de suas raízes e perde o sentido de pertencimento coletivo.

Logo, a obra evidencia que a cultura e a língua em Angola não são homogêneas ou fixas, surgem de interações, tensões, adaptações e oposições. Isso é exatamente o que caracteriza a transculturação. Esse movimento dinâmico corresponde ao fenômeno da transculturação, conceito elaborado por Fernando Ortiz (1940) para designar os processos de transformação, interação e recriação cultural decorrentes do contato entre sociedades colonizadas e colonizadoras. Segundo o autor, a transculturação não se restringe à imposição de uma cultura sobre outra, mas envolve perda, assimilação e inovação, resultando em novas expressões culturais híbridas.

Embora o idioma português constitua uma herança do colonialismo, na obra ele não é representado como um simples instrumento de opressão. Ao contrário, Ondjaki ressignifica a língua imposta em relações de violência, subverte suas normas e apropria-se dela, construindo uma variante do português marcada pela originalidade e informalidade. Essa linguagem é permeada por expressões regionais, inovações lexicais e um ritmo sonoro que traduz, simultaneamente, a experiência dos personagens e a vitalidade da cultura popular de Luanda.

> A língua portuguesa, em Angola, é um organismo vivo, em constante movimento. Não se trata de um idioma fixo ou homogêneo, mas de uma língua que se transforma, que recebe influências, que dialoga com as línguas locais e com as expressões culturais do povo angolano. É através dessa língua reinventada que contamos nossas histórias, afirmamos nossa identidade e criamos nossa cultura (Ondjaki, 2013, p. 78).

Assim, é possível perceber como a linguagem se transforma em um dos principais territórios de resistência. Dessa maneira, a obra se constrói sobre uma profunda mistura de registros culturais, sociais e linguísticos, revelando um processo de transculturação que desafia a norma e valoriza a pluralidade de pertencimento do povo angolano. O autor propõe uma linguagem literária marcada pela oralidade, por expressões populares e por um português reinventado, que se distancia do modelo colonial europeu e se aproxima da experiência

diária das ruas de Luanda. Essa relação entre a linguagem e resistência pode ser pensada à luz das reflexões de Frantz Fanon, que compreende a língua como forma de dominação, mas também como meio de insubordinação. Como afirma o autor:

> A linguagem, mais do que um simples instrumento de comunicação, é um modo de ser. Falar significa existir absolutamente para o outro. O homem que possui uma linguagem possui ao mesmo tempo o mundo expressado e implicado por essa linguagem. (...) Aprender o idioma do colonizador significa assumir os valores culturais daquele que domina" (Fanon, 2008, p. 38–39).

Dessa maneira, a forma de se expressar em *Os Transparentes* pode ser interpretada como uma forma de resistência que transcende o mero emprego do português. Ao reformular a língua, incluindo aspectos da oralidade e da cultura regional, Ondjaki desenvolve uma voz literária genuína, que contesta a destruição cultural e política imposta pela colonização.

Em síntese, a obra exemplifica como a linguagem, longe de ser um instrumento neutro, é um campo de luta simbólica onde se manifesta a resistência cultural. Ondjaki, ao articular uma linguagem literária que reflete a pluralidade e a resistência do povo angolano, materializa a visão de Fanon sobre o poder político da língua e sua potencialidade para a insubordinação e emancipação. Essa noção de identidade em trânsito está presente na forma como os personagens do romance vivem à margem da sociedade, invisibilizados e excluídos, mas também em constante reinvenção por meio da fala, da memória, da solidariedade ou da imaginação. A cidade de Luanda, como espaço narrativo, torna-se palco de múltiplas identidades que se cruzam, colidem e coexistem.

Ao romper com a norma linguística eurocêntrica e ao valorizar a expressão híbrida e popular, Ondjaki não apenas constrói uma estética própria, mas promove um gesto político de subversão. Ele recusa o português formal como única via legítima de expressão, e isso é evidente nos nomes, nos diálogos e até nas descrições poéticas da cidade. Ao juntar diferentes formas culturais, sociais e de linguagem, Ondjaki cria uma história que vai além do uso de uma única língua colonial, mostrando um processo em que várias vozes e identidades vivem juntas e se comunicam. Essa diversidade de expressões valoriza a experiência local e quebra o domínio da língua como único meio de controle.

> Toda colonização é, antes de tudo, uma colonização da mente. (...) A violência simbólica da colonização é exercida na forma de imposição de uma cultura, de uma língua e de uma visão de mundo. O colonizado é forçado a ver-se pelos olhos do colonizador, a falar sua língua, a pensar com suas categorias" (Fanon, 2008, p. 42).

Assim, a linguagem que Ondjaki usa em sua obra pode ser vista como uma forma de resistência. Ao criar um português que mistura elementos locais e populares, ele recupera a identidade e o modo de ver o mundo do povo angolano, recusando a submissão à língua e à cultura do colonizador. Dessa maneira, a literatura torna-se um espaço de luta e de afirmação cultural.

Em suma, podemos perceber como Ondjaki, ao romper com a norma linguística eurocêntrica, cria uma linguagem literária que valoriza a mistura cultural e a fala popular. Sendo assim, ao rejeitar o português formal como a única forma correta de se expressar, o autor desafia a ideia de que existe uma única língua "legítima", aquela imposta pelo colonizador. Portanto, essa rejeição aparece nos nomes dos personagens, nos diálogos que usam a fala cotidiana e até nas descrições da cidade, que ganham um tom poético e local.

> um homem, para falar dele mesmo, fala das coisas do início… como as infâncias e as brincadeiras, a presença dos tugas e as independências… e depois, coisa de ainda há pouco tempo, veio a falta de emprego… um homem para de procurar para ficar em casa a pensar na vida e na família. no alimento da família. para evitar as despesas, come menos… um homem come menos para dar de comer aos filhos, como se fosse passarinhos… e aí me vieram as dores no estômago… e as dores de dentro, de uma pessoa ver que na crueldade dos dias, se não tem dinheiro, não tem como comer ou levar um filho ao hospital… e os dedos começam a ficar transparentes… e as veias, e as mãos, os pés, os joelhos… mas a fome foi passando: foi assim que comecei a aceitar as minhas transparências… deixei de ter fome e me sinto cada vez mais leve… estes são os meus dias (Ondjaki, 2013, p. 187)

Diante disso, quando a narrativa mistura diferentes formas de cultura, sociedade e linguagem, ele mostra um processo em que várias vozes e identidades convivem e se comunicam. Inclusive, essa diversidade de expressões valoriza a realidade local, das pessoas comuns e de suas experiências diárias, ao mesmo tempo em que enfraquece o controle que a língua do colonizador tenta exercer sobre a cultura e o pensamento.

3. A MEMÓRIA COLETIVA: ESPAÇOS, SUBJETIVIDADE E RESISTÊNCIA

A cidade de Luanda se apresenta complexa, marcada por histórias pessoais e coletivas, onde o passado colonial, os confrontos armados e as possibilidades da modernidade se entrelaçam. Ou seja, a cidade não é apenas pano de fundo, mas um verdadeiro "personagem-memória", em que a experiência dos moradores é formada pelas marcas da história. Esse aspecto permite abordar a noção de memória coletiva, tal como é determinada por Pierre Nora:

> A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, portanto, em permanente evolução, sujeita a dialética da lembrança e do esquecimento, esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável e todas as utilizações e manipulações" (NORA, 1984, p. 19).

No romance, os personagens vivem em lugares cheios de lembranças, mas que também estão esquecidos, como o prédio onde moram. Esse prédio está abandonado e caindo aos poucos, mas ainda guarda memórias de um tempo antigo. Com o tempo, ele vira um lugar de resistência. Ou seja, personagens como Odonato e Jó Zeca frequentam esse prédio e ajudam a manter essas memórias vivas. Mesmo que o tempo tente apagar essas histórias, elas continuam existindo através das conversas e das experiências das pessoas que vivem ali.

Os escritores angolanos se empenham em visibilizar os marginalizados, questionando as estruturas de poder e utilizando a linguagem como instrumento de resistência e transformação social. A experimentação com a forma e a linguagem é uma característica marcante, refletindo a busca por novas maneiras de expressar a complexidade da experiência angolana. Isto é, por meio de suas obras, os escritores angolanos recuperam histórias esquecidas, tornam visíveis os silenciados e questionam as narrativas oficiais, contribuindo para a construção de uma identidade nacional mais completa e complexa.

Outro aspecto importante é que a memória coletiva constitui um elemento central para a compreensão dos processos de construção identitária e social em contextos marcados por guerras e colonizações, como é o caso de Angola. O romance propõe uma reflexão sensível sobre as cicatrizes deixadas pela guerra civil e pelo colonialismo, mostrando como essas marcas não apenas permanecem inscritas no corpo social e urbano, mas também são

ativamente ressignificadas no presente por meio de práticas culturais, narrativas e relações interpessoais.

> A cidade tem as suas feridas, que são os seus desaparecidos, as suas casas que não voltaram a ser as mesmas, as ruas que não são mais lugares de brincadeira, mas de lembranças, de histórias que se contam para que não se esqueça. A memória, essa é a casa onde se guardam as dores e as esperanças de quem sobreviveu" (Ondjaki, 2013, p. 95).

Em suma, a narrativa de *Os Transparentes* é intrinsecamente marcada pela memória coletiva de uma Angola no período pós-independência. O livro serve como um testemunho da sociedade de Luanda e, assim, revisita as cicatrizes deixadas pelo colonialismo e o desencanto diante das promessas não cumpridas de um novo país. Trata-se de um mergulho nas lembranças de um povo que luta para construir um futuro, ao mesmo tempo em que confronta um passado complexo e, muitas vezes, doloroso.

A memória, nesse contexto, funciona como um instrumento fundamental para a reconstituição do tecido social, pois busca incluir os "transparentes", ou seja, aqueles que foram marginalizados pela narrativa histórica oficial e pelas relações de poder. Ao utilizar a literatura, Ondjaki cria um espaço onde essas vozes silenciadas podem emergir e serem ouvidas, o que contribui para ampliar nossa compreensão coletiva sobre os desdobramentos da guerra, suas repercussões e o impacto contínuo que ela ainda exerce sobre as estruturas políticas e sociais.

> Escrever sobre a guerra, sobre o desaparecimento dos corpos e das lembranças, é um ato de resistência. É como tentar tecer de novo a trama da cidade despedaçada, é convocar os ausentes para que façam parte do presente. A literatura torna-se então um espaço onde as vozes caladas emergem e se reconhecem, um lugar onde o passado conflita com o futuro e constrói uma nova memória coletiva que não se reduz ao silêncio imposto pelos vencedores (Ondjaki, 2013, p. 153–154).

Dessa maneira, o autor mostra que a escrita literária é um ato de resistência e uma forma de reconstrução social. Através da narrativa, ele tenta refazer os vínculos rompidos pela violência, convocando aqueles que desapareceram ou foram marginalizados a participarem do presente e do futuro da cidade e da sociedade. Essa prática literária não apenas de-

nuncia o silêncio imposto pelos detentores do poder, mas também cria um espaço onde as experiências do passado conflitam com as possibilidades do futuro. Assim, a literatura se apresenta como um lugar de ressignificação, onde a memória coletiva pode se expandir, incluir diferentes perspectivas e, dessa forma, contribuir para uma reconstrução social mais justa e consciente.

Além disso, é importante destacar que, ao resgatar elementos da cultura angolana e ao utilizar uma linguagem acessível e profundamente humana, a literatura que Ondjaki apresenta possibilita uma conexão mais íntima com o leitor. Essa aproximação permite que o público reflita sobre seu próprio papel na reconstrução da sociedade, o que reforça a função social da literatura no processo de cura e ressignificação de um país pós-guerra civil que foi marcado por conflitos e eventos traumáticos históricos.

Assim, a memória ocupa um espaço de reflexão constante. Personagens e situações cotidianas são criados para apresentar um cenário onde as cicatrizes do passado não são apenas lembradas, mas também reformuladas. A memória da guerra não é algo distante, mas uma presença latente nas vidas dos personagens, especialmente os mais jovens, que buscam entender um mundo ainda fragmentado pelos ecos da violência e da perda. A literatura pós-guerra, nesse sentido, atua como um veículo de preservação e reinterpretação da memória coletiva, permitindo que uma sociedade revise seu passado e construa novos significados a partir de uma narrativa comum.

> Os transparentes são aqueles que não aparecem nas fotografias oficiais, que não têm voz nos discursos de poder, mas que vivem nas bordas das cidades, nas esquinas esquecidas, na memória de quem não quer esquecer. Eles são os que carregam a história que os poderosos tentam apagar, são a presença invisível que insiste em ser reconhecida, e é através das palavras que lhes damos a forma e a vida, que lhes abrimos espaço no nosso mundo." (Ondjaki, 2013, p. 120–121).

Em vez disso, propõe um olhar literário e simbólico sobre a forma como essas memórias continuam a atravessar a sociedade angolana. Através de personagens marginalizados, da linguagem popular e da ambientação urbana em uma Luanda marcada por ruínas, o autor constrói uma crítica social que também é uma proposta estética e ética de enfrentamento da memória histórica. Ondjaki, ao misturar elementos de ficção e realidade, dá voz a esse

processo de reinvenção da memória, que é muitas vezes desafiado pela sobrevivência de uma nova identidade nacional.

A obra se inscreve num projeto literário africano comprometido com a modificação das narrativas predominantes que silenciaram ou foram apagadas, ou seja, a literatura, aqui, não é um simples reflexo da realidade, mas um campo de disputa. Dessa maneira, apresentando uma narrativa que vai misturar a ficção e elementos históricos pode ser desafiador para os leitores da obra ao tentarem distinguir o que é real do que é fictício. A resistência, portanto, não se apresenta apenas nos grandes gestos, mas nos detalhes: no corpo que insiste em existir apesar da fome, na fala que se recusa a ser silenciada, no sonho que persiste mesmo quando tudo parece ruir.

A juventude desempenha um papel crucial. A busca pela identidade, pelo pertencimento e pela compreensão do mundo que a cerca é uma constante, refletindo a transição de Angola para a modernidade e as dificuldades desse processo. Os personagens jovens enfrentam um mundo que muitas vezes parecem incompreensíveis, mas também se mostram capazes de resistência e transformação.

Vale destacar que embora a literatura funciona aqui como uma ferramenta de resgate e resistência, há também uma tensão não resolvida entre memória e ação. Visto que, a narrativa oscila entre a denúncia do imobilismo social e a esperança de reconstrução. Em outras palavras, se por um lado a memória coletiva é valorizada como espaço de resistência, por outro, o romance parece deixar em aberto se essa memória de fato impulsiona transformações reais no tecido social. Essa tensão literária reflete uma Angola em suspensão: entre o trauma do passado e a promessa (ainda frágil) do futuro.

O romance, ao mesmo tempo em que valoriza a memória coletiva como instrumento de luta e ressignificação, não assegura que essa memória, por si só, seja suficiente para impulsionar mudanças efetivas no presente. A narrativa parece oscilar entre a constatação da paralisia social resultado de décadas de violência e exclusão e a expectativa, ainda tênue, de um futuro possível. Essa tensão, pode ser interpretada como um reflexo do próprio contexto angolano pós-guerra: um país marcado por profundas feridas históricas, tentando encontrar uma linguagem para narrar sua reconstrução, como demonstra o seguinte trecho:

> [...] Afinal, em se tratando de tamanha cicatriz social a verdade e que qualquer um, sem pedir autorização aos demais, podia de facto recorrer à chave mágica da palavra para abrir o gigantesco [...] " a guerra", dizia-se, "é uma lembrança sempre a sangrar, e a qualquer momento você abre a boca, ou gesticula, e o que sai é um traço encarnado de coisa que você não sabia que sabia" (Ondjaki, 2013, p. 195)

O narrador adota uma perspectiva multifocal, oferecendo uma visão abrangente da cidade e de seus habitantes. Essa abordagem permite que o leitor perceba Luanda não apenas como um espaço geográfico, mas como um organismo vivo, pulsante e em constante transformação. A cidade é descrita com detalhes que ressaltam tanto sua beleza quanto suas imperfeições, evidenciando a complexidade da realidade urbana angolana.

Assim, uma leitura crítica mais rigorosa precisa ir além da celebração da memória como um valor intrínseco. A literatura de Ondjaki não oferece respostas fáceis, e talvez aí resida sua maior força na capacidade de produzir desconforto, de tensionar as promessas da modernidade com a permanência das desigualdades e, sobretudo, tornar visível a complexidade da vida urbana em Luanda, revelando as tensões, ausências e presenças que compõem a memória coletiva da cidade.

Memória coletiva e linguagem desempenham papel fundamental em *Os Transparentes*, constituem um campo de resistência cultural e simbólica onde se afirmam identidades culturais e resistências ao legado colonial. Ondjaki não apenas narra as histórias dos invisíveis, porém revive e explora a oralidade urbana, expressões populares e também traços culturais angolanos e as variantes do português falado em Luanda para construir uma estética literária que rompe com o padrão europeu normativo e aproxima o leitor da realidade social dos personagens.

Nesse sentido, essa escolha não é apenas estética, mas política. A língua foi, durante o período colonial, uma ferramenta de dominação que buscou apagar as línguas nativas e os modos de expressão locais, estabelecendo um padrão que negava a diversidade cultural angolana. Ao valorizar a oralidade e a linguagem popular, Ondjaki promove uma resistência simbólica que fortalece identidades, contesta a estrutura cultural imposta pelo colonialismo e faz pulsar memórias tradicionais que fundam a experiência comunitária imaginada do povo angolano :

> As palavras que eles trocam não estão nos dicionários, são feitas de pedaços de línguas ancestrais, de gírias das ruas, de sons arrancados da boca do povo. É essa linguagem que mantém viva a história que os poderosos querem apagar, que resiste ao silêncio, que se recusa a desaparecer. Não é uma língua oficial, mas é a língua da cidade, do povo, da vida cotidiana que insiste em existir apesar de tudo." (Ondjaki, 2013, p. 102).

Ademais, essa passagem revela que a língua, no contexto da obra, não é apenas meio de comunicação, mas a própria expressão concreta da memória e da resistência. Porém, essa resistência pela linguagem popular traz consigo contradições e desafios. Por um lado, ela representa um poderoso ato de afirmação cultural; por outro, pode limitar o alcance da obra, uma vez que a linguagem carregada de expressões locais, referências socioculturais específicos pode ser de difícil acesso para leitores fora do contexto angolano ou mesmo para gerações mais jovens sem contato direto com essas realidades. Essa ambiguidade é um reflexo das dificuldades inerentes à construção de uma identidade literária que precise equilibrar autenticidade cultural e comunicação mais ampla. Outro trecho do romance exemplifica a complexidade da linguagem como mosaico cultural:

> O que falamos é um quebra-cabeça que junta pedaços de línguas que vieram de longe, de histórias atravessadas pelo tempo e pelo espaço, dos rios do Kimbundu aos bairros de Luanda, das vozes de nossos ancestrais às gírias dos jovens que caminham nas ruas. Cada palavra carrega uma história, um pedaço de identidade, uma forma de resistir à homogeneização que quer apagar quem somos." (Ondjaki, 2013, p. 110)

Além disso, o autor do livro expressa o fenômeno da transculturação, no qual diferentes bases culturais e linguísticas se combinam para formar identidades mescladas. Essa construção dinâmica é indispensável para compreender a riqueza da Angola pós-colonial, marcada por diversas contribuições e heranças históricas. A escrita, portanto, reflete essa variedade e não busca uma identidade única ou homogênea, mas sim um espaço de coexistência e conflito entre vozes diversas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da obra *Os Transparentes*, de Ondjaki, revela como a literatura pode operar como um poderoso instrumento de resistência simbólica, reconfiguração identitária e reconstrução da memória coletiva em contextos pós-coloniais e pós-conflito. Ao retratar personagens marginalizados, visibiliza experiências silenciadas e reinventa a língua portuguesa com elementos locais.

O romance, ao mesmo tempo em que evidencia as feridas ainda abertas da guerra civil e do passado colonial, também oferece caminhos para a ressignificação dessas dores através da linguagem, da solidariedade entre os sujeitos transparentes e da reafirmação de uma identidade angolana plural, híbrida e em constante transformação. A cidade de Luanda torna-se, assim, uma metáfora da nação: um espaço em ruínas, mas ainda pulsante de vida, onde a resistência se manifesta nos detalhes cotidianos e na força das memórias compartilhadas.

A literatura, como nos mostra Ondjaki, é um campo estético, político e social. Através dela, emerge um discurso que confronta o esquecimento e a exclusão, oferecendo alternativas simbólicas de pertencimento e de futuro. O romance *Os Transparentes*, portanto, não apenas narra uma história, mas contribui para a construção de uma Angola que resiste, sonha e se reconstrói a partir das vozes antes silenciadas.

REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi K. **O local da cultura.** Tradução de Myriam Ávila et al. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

DIAS, Weslley Luiz de Azevedo. **Gêmeos bivitelinos: os conceitos de transculturação e interpenetração em Fernando Ortiz e Gilberto Freyre**. **Interseções: Revista de Estudos Interdisciplinares**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 3, 2023. DOI: https://doi.org/10.12957/irei.2023.79717. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/intersecoes. Acesso em: 14 out. 2025.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra.** Tradução de António Houaiss. São Paulo: Civilização Brasileira, 1961.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas.** São Paulo: Ed. Perspectiva, 2008.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008. (Obra original publicada em 1952).

MATA, Inocência. A **essência dos caminhos que se entrecruzam: tradição e modernidade na literatura africana.** Scripta, Belo Horizonte, v. 20, n. 39, p. 81–98, jan./jun. 2016. Disponível em: https://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/P.2358-3428.2016v20n39p81. Acesso em: 20 abr. 2025.

MATA, Inocência. **Literatura angolana: silêncios e falas de uma nação.** Lisboa: Colibri, 2016.

MATA, Inocência**. Vozes angolanas: a literatura entre tradição e modernidade. Luanda:** Editorial Kilombelombe, 2020.

NORA, Pierre**. Les lieux de mémoire**. Paris: Gallimard, 1984.

NORA, Pierre. **Lugar de Memória.** São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1993.

ONDJAKI. **Os Transparentes. 1° edição.** Ed.Companhia das Letras, 2013.

ONDJAKI. **Os Transparentes. 1ª edição.** Editora 34, 2012.

ONDJAKI**. Os transparentes. Lisboa**: Publicações Dom Quixote, 2013.

ORTIZ, Fernando. (2003) **Transculturação: Fernando Ortiz, o negro e a identidade nacional cubana 1906-1940**. Dissertação apresentada à Universidade Federal de Goiás (UFG).

ORTIZ, Fernando. ***Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar.*** Havana: Jesús Montero, 1940.

RUI, Manuel. **Eu e o Outro Invasor. Negritude e Literatura.** 2011. Disponível em: https://negritudeeliteratura.blogspot.com/2011/01/manuel-rui-eu-e-o-outro-o-invasor-ou-em.html. Acesso em: 2 out. 2025. em: 28 Dez. 2023.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música, dança: Hip-Hop.** São Paulo: Parábola, 2011.